


Sustentabilidade afetiva no cotidiano das cidades: Cartografando experiências

Affective sustainability in everyday life in cities: Mapping experiences

Sostenibilidad afectiva en el cotidiano de las ciudades: Cartografiando experiencias

Durabilité affective dans le quotidien urbain : Cartographie des expériences

 10.5020/23590777.rs.v24i2.e13980

Sonia Regina Vargas Mansano  

Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia, do Programa de Pós-graduação em Administração e do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina. Bolsista Produtividade CNPq - 2.

Resumo

Casos de exploração ambiental predatória e calamidade social são frequentes no cotidiano contemporâneo. Estudiosos de áreas distintas esclarecem a urgência de ações efetivas visando minimizar esses quadros em defesa da existência global, o que se tornou ainda mais imperativo após a emergência da pandemia. Atento a isso, o presente estudo tem por objetivo analisar, sob o enfoque da psicologia social e da filosofia da diferença, experiências de sustentabilidade afetiva que se fazem presentes no cotidiano das cidades. Utilizou-se a metodologia qualitativa com a participação de 15 pessoas que se dispuseram a descrever suas experiências de sustentabilidade. Como resultado, as experiências relatadas evidenciam que o cuidado consigo, com o outro e com a natureza carecem de maior atenção, especialmente diante do ritmo acelerado de produção que distancia a população do cuidado com as relações sociais, a natureza e o bem comum. Com isso, constata-se que as experiências cotidianas de individualismo, priorização do acúmulo e do consumo, bem como a competitividade, são alguns dos fatores que cooperam para que a devastação social e ambiental se alastre.

Palavras-chave: sustentabilidade afetiva, natureza, psicologia social, cartografia, cotidiano

Abstract

Cases of predatory environmental exploitation and social calamity are frequent in everyday life. Scholars from different fields clarify the urgency of effective actions to minimize these situations in defense of global existence, which has become even more imperative after the emergence of the pandemic. With this in mind, the present study aims to analyze, from the perspective of social psychology and the philosophy of difference, experiences of affective sustainability in the daily lives of cities. Qualitative methodology was used with the participation of 15 people who were willing to describe their sustainability experiences. As a result, the experiences reported show that caring for oneself, for others, and for nature requires greater attention, especially given the accelerated pace of production that distances the population from caring for social relations, nature, and the common good. With this, it is clear that everyday experiences of individualism, prioritization of accumulation and consumption, as well as competitiveness are some of the factors that contribute to the spread of social and environmental devastation.

Keywords: affective sustainability, nature, Social Psychology, cartography, everyday life

Resumen

Los casos de explotación ambiental predatoria y calamidad social son frecuentes en la vida cotidiana contemporánea. Académicos de diferentes áreas aclaran la urgencia de acciones efectivas dirigidas a minimizar estos marcos en defensa de la existencia global, que se ha vuelto aún más imperativo después de la aparición de la pandemia. Consciente de ello, el presente estudio tuvo como objetivo

identificar y analizar; bajo el enfoque de la Psicología Social y la Filosofía de la Diferencia, las experiencias de sostenibilidad afectiva que están presentes en la vida cotidiana de las ciudades. Se utilizó la metodología cualitativa con la participación de quince personas que estuvieron dispuestas a describir sus experiencias de sostenibilidad. Como resultado, las experiencias reportadas muestran que el cuidado con uno mismo, con el otro y con la naturaleza carece de miedo, especialmente en vista del ritmo acelerado de producción que aleja a la población del cuidado de las relaciones sociales, la naturaleza y el bien común. Así, es posible comprobar que las experiencias cotidianas de individualismo, priorización de la acumulación y el consumo, así como la competitividad son algunos de los factores que cooperan para que se extienda la devastación social y ambiental.

Palabras clave: sostenibilidad afectiva, naturaleza, psicología social, cartografía, cotidiano

Resumé

Des cas d'exploitation environnementale prédatrice et de calamités sociales sont fréquents dans le quotidien contemporain. Des chercheurs de divers domaines mettent en lumière l'urgence d'actions efficaces pour minimiser ces situations et défendre l'existence mondiale, une nécessité devenue encore plus impérative après l'émergence de la pandémie. Consciente de cela, la présente étude vise à analyser, sous l'angle de la psychologie sociale et de la philosophie de la différence, les expériences de durabilité affective présentes dans le quotidien des villes. La méthodologie qualitative a été employée avec la participation de 15 personnes prédisposées à décrire leurs expériences de durabilité. En conséquence, les expériences rapportées montrent que le soin de soi, des autres et de la nature nécessite une attention accrue, surtout compte tenu du rythme accéléré de la production qui éloigne la population des soins liés aux relations sociales, à la nature et au bien commun. Cela montre que les expériences quotidiennes d'individualisme, la priorisation de l'accumulation et de la consommation, ainsi que la compétitivité, sont parmi les facteurs qui contribuent à la propagation de la dévastation sociale et environnementale.

Mots-clés : durabilité affective, nature, psychologie sociale, cartographie, vie quotidienne.

O sistema socioeconômico capitalista contemporâneo, tal como se encontra organizado, coloca populações inteiras diante do desafio de garantir a própria sobrevivência, deparando-se, no mínimo, com duas situações sociais contraditórias: por um lado, os índices de desemprego, fome e exclusão social crescente e, por outro, a busca desenfreada pelo lucro e acúmulo de capital. Apesar de estarmos em um momento histórico marcado pelo avanço tecnológico, a ampliação significativa da expectativa de vida da população e a produção sistemática de mercadorias que trazem comodidade à existência nas cidades, ainda convivemos lado a lado com situações de miséria inadmissíveis (Comitê de Oxford para Alívio da Fome [OXFAN Brasil], 2018). Como enfrentar essa situação planetária, em que pobreza e riqueza extremas desenham um panorama devastador no que se refere às relações sociais e afetivas, mas também culminam na depredação da natureza, comprometendo a continuidade da vida humana no planeta?

Uma existência potente, capaz de extrair das relações sociais e da natureza os insumos afetivos necessários para construção de um coletivo expansivo está longe de ser uma possibilidade factível em nossos dias para a maioria da população. Estudos recentes demonstram que a busca predatória pelo acúmulo de capital leva a situações extremas de desigualdade social e situações pontuais de barbárie que assustam e chocam o mundo (Han, 2017; Sassen, 2016; Žižek, 2017). Apesar de sua brutalidade, tais situações, amplamente divulgadas pela mídia nacional e internacional, não são suficientes para colocar em curso uma análise crítica sobre a maneira como estamos organizados socioeconomicamente, nem sobre seus efeitos sobre a coletividade. Ao contrário, em recente relatório publicado pela OXFAN, uma rede global de análise social que atua no Brasil, evidencia-se a discrepância econômica instaurada em nosso país que “tem hoje cinco bilionários com patrimônio equivalente ao da metade mais pobre da população brasileira” (OXFAN Brasil, 2018).

Atento a esse cenário, utilizamos a noção de sustentabilidade afetiva para problematizar o quanto o contexto contemporâneo capitalista restringe as possibilidades de experimentar a diversidade dos afetos que emergem nos encontros cotidianos, colocando populações inteiras na busca da mera sobrevivência individual e biológica. Os estudos nessa direção têm na sobrevivência da vida planetária seu principal interesse analítico, em função da evidente ameaça à continuidade da vida no planeta (Agamben, 2017; Beck, 2010; Stengers, 2015). Vislumbrar uma sustentabilidade afetiva nesse cenário implica ampliar os espaços, situações e encontros nos quais a existência possa ser potencializada para além dos interesses do capital, abarcando “a tensão permanentemente colocada pela multiplicidade afetiva” (Mansano, 2016, p. 7) que compõe as existências.

Como contornar esse quadro que, apesar da gravidade iminente, ainda está longe de ser acolhido com a seriedade política necessária, em especial por parte da esfera econômica, bem mais interessada no aumento das taxas de lucro e no domínio geopolítico? Para responder a essa questão, o estudo percorreu o seguinte trajeto: primeiramente, é apresentada a

noção de sustentabilidade afetiva e seus desdobramentos na Contemporaneidade, recentemente marcada pela pandemia de covid-19, que tornou os problemas citadinos ligados à vida coletiva ainda mais acentuados; na sequência, a parte empírica da pesquisa dá visibilidade a iniciativas microssociais que evocam uma sustentabilidade afetiva colocada em curso no cotidiano urbano.

Com isso, o presente estudo teve por objetivo analisar, sob o enfoque da psicologia social e da filosofia da diferença, experiências de sustentabilidade afetiva que se fazem presentes no cotidiano das cidades. Ao final dessa trajetória, será possível demonstrar que a difusão de componentes subjetivos ligados ao individualismo, bem como à priorização do acúmulo, do consumo e da competitividade são alguns dos fatores que cooperam para a disseminação da devastação socioambiental em franca expansão. Isso deixa entrever o quanto a organização capitalista tornou-se social e afetivamente insustentável para uma boa parte da população brasileira.

Sustentabilidade afetiva: um desafio para as cidades

O compartilhamento do espaço urbano, ao longo da história, colocou como desafio à coletividade populacional a elaboração de uma série de ações voltadas à gestão e à organização das cidades (Rolnik, 2015). Incidindo sobre dimensões diferentes da existência urbana, como é o caso do arranjo geral dos deslocamentos urbanos, da convivência social, dos dispositivos de segurança, bem como dos modos trabalho e de produção, alguns efeitos psicossociais da organização capitalista culminaram em uma onipotência individualista e competitiva (Sassen, 2016). Tais componentes subjetivos estão em ampla circulação na vida contemporânea e abriram brechas para a instalação de uma política de subjetivação, na qual cada um cuida da própria vida, perdendo de vista que a sociedade depende dos laços sociais, do cuidado com a natureza e de ações voltadas ao bem comum. Com isso,

a desconsideração, a indiferença e principalmente a ilusão de que não está acontecendo nada, marcada pela onipotência e pela idealização disseminadas pelo capitalismo avançado, ainda são posturas bastante comuns em nossa sociedade que, tradicionalmente, contou com a abundância natural presente em nosso país, compreendendo-a como inesgotável (Mansano & Nalli, 2017, p. 7).

Detectando que a situação se agravava de modo acelerado, eventos que tematizam a questão socioambiental ganharam a cena em âmbito nacional e internacional, evidenciando a dificuldade de colocar em andamento as práticas efetivas de sustentabilidade em suas variadas dimensões (Stengers, 2015). Em ressonância com essas discussões, movimentos sociais de diferentes filiações atuam para identificar e inventar saídas coletivas de enfrentamento dessa situação despotencializadora e arriscada que ganhou contornos tão naturalizados (Beck, 2010).

De acordo com os estudos de Rolnik (2015), Santos (2017) e Harvey (2013), as cidades são grandes produtoras de subjetividades e um dos elementos que participa dessa produção está precisamente na maneira de organizar as atividades produtivas. Tais atividades colocam em circulação e organizam o fluxo de pessoas, valores, mercadorias, regras e afetos que compõem os modos de vida urbanos e cooperam para difundir certos norteadores das relações sociais. Quando essa organização social, em larga medida ligada ao trabalho, produz uma população preocupada, de maneira majoritária, com a própria sobrevivência, sem considerar o que ocorre na coletividade, os riscos políticos ganham relevo (Harvey, 2013; Beck, 2010), cabendo citar o crescente individualismo em curso e a apatia em relação às questões de âmbito socioambiental, que passam não só pela preservação da vida (humana e não humana), mas também pela socialização e pelos afetos (Stengers, 2015).

Ora, como a noção de sustentabilidade afetiva, estendida para as relações microssociais do cotidiano urbano, poderia participar desse debate? Com esse conceito, partimos da perspectiva espinosana de que os encontros com aquilo e aqueles que nos cercam podem tanto aumentar quanto diminuir a potência de ação do sujeito (Espinosa, 2017). Essa variação, na leitura de Deleuze (2009), apresenta-se nos encontros de seu principal manancial. Assim, quando ocorre um encontro com algo ou alguém que convém ao meu corpo, Deleuze (2009, p. 26) mostra que a “potência de agir é aumentada ou favorecida; quando, ao contrário, é o inverso, quando depois de ter visto alguém que me torna alegre, eu vejo alguém que me torna triste, eu digo que minha potência de agir é inibida ou impedida”.

Constata-se, então, que os encontros cotidianos nos expõem a uma variação contínua dos afetos que atua sob o modo de “aumento-diminuição da potência de agir ou da força de existir” (Deleuze, 2009, p. 26). Como não há possibilidade de controlar ou predefinir os encontros e seus efeitos, vivemos, de acordo com Deleuze (2009), entre esses dois polos, alegria e tristeza, os quais fazem a potência do corpo variar. Estamos, com esses autores, na vizinhança do conceito de potência compreendida como “ato, ou, pelo menos” como algo que “está em ato” (Deleuze, 2017, p. 101). Assim, “toda potência traz um poder de ser afetado que lhe corresponde e lhe é inseparável. Ora, esse poder de ser afetado é sempre e necessariamente exercido” em meio ao encontro entre humanos e não humanos.

Enfatizando especificamente a dimensão micropolítica dos encontros cotidianos marcados pela experiência dos afetos, cabe compreender como ocorrem as variações que geram os aumentos ou as diminuições de potência. O aumento da potência, como gerador de alegria compartilhada, é o que possibilita a saída, ainda que momentânea, da impessoalidade capitalística.

Em certo sentido, pode-se dizer que a experimentação de encontros alegres funciona como uma prática de resistência às formas de exploração, despotencialização e controle sobre a vida. Como? É o que Deleuze (2009, p. 46), sempre remetido à Espinosa, assinala com a ideia de “noção comum”. A noção comum consiste em “alguma coisa que é comum a todos os corpos ou a muitos corpos – dois ao menos – e que é comum ao todo e à parte” (Deleuze, 2009, p. 46), uma vez que tende à conexão e à expansão dessas existências. Trata-se de uma experiência compartilhada que potencializa os corpos que se encontram, tornando-os mais fortes e, portanto, na perspectiva de Deleuze e Espinosa, mais alegres. Ambos os filósofos compreendem a noção comum como uma experiência compartilhada na qual seus partícipes se tornam mais alegres em função do encontro vivido que expande suas existências (Deleuze, 2009, 2017). Daí a difícil tarefa colocada pelos autores que consiste em “saber fazer os encontros que nos convém” (Deleuze, 2009, p. 49), ou seja, dar vazão aos encontros que aumentam a potência vital. Nota-se que nessas considerações a ideia de noção comum é imediatamente política, uma vez que implica efeitos potencializadores que se estendem aos partícipes do encontro.

A sustentabilidade afetiva, tal como aqui compreendida, remete a essas duas dimensões: a variação da potência dos corpos nos encontros e a possibilidade de selecionar aqueles encontros que potencializam a vida em comum. Nesse sentido, ela serve como uma ferramenta conceitual para colocar em andamento o convite espinosano (Espinosa, 2017, p. 101) que questiona: “o que o corpo pode e o que não pode fazer?”. Problema este enfatizado por Deleuze, quando sugere (2009, p. 51): “escolha um ponto de partida local sobre uma alegria com a condição de que sintamos que ela nos concerne verdadeiramente. Sobre isso, nós formamos uma noção comum, sobre isso tentamos ganhar localmente, estender a alegria”.

As experiências de alegria são múltiplas e diluídas na esfera microssocial dos encontros e, por isso mesmo, não são facilmente reconhecidas e sustentadas. Ainda menos em um cenário que, como descrito anteriormente, guarda dificuldades relacionais marcadas por resignação, medo, niilismo e intolerância consigo e com o outro. Ganha a cena, então, as paixões tristes, compostas por defesas psíquicas, que tendem a isolar indivíduos em seus mundos privados (Lasch, 1981) e supostamente protegidos, tendo no medo seu maior expoente. Mas, apesar dessa tendência, os encontros ao acaso são vividos cotidianamente, demandando uma análise contínua de como eles favorecem ou diminuem a potência de existir, em âmbito particular e público.

Acolhendo essa dimensão prática de compreensão cotidiana dos encontros, Deleuze (2009, p. 51) complementa suas considerações, afirmando que a análise dos afetos implica “um trabalho da vida”. Nesse caso, falamos de uma vida que também manifesta sua potência em pequenos atos que, sem se pautar exclusivamente no aumento de capital ou em possíveis vantagens dele decorrentes, afloram possibilidades de estar com o outro para, em meio aos encontros, ambos se fazerem maiores, expansivos e fortes. Diz Deleuze (2009, p. 164): “quando as relações se compõem, formam um indivíduo superior, um terceiro indivíduo que as engloba e as toma como partes”. Assim, constatamos que para Deleuze e Espinosa a expansão não ocorre no plano individual, mas implica contato entre partes que se compuseram e fortaleceram, sejam essas partes outros sujeitos, a natureza, as produções culturais, as tecnologias e os acontecimentos, para ficar em apenas alguns exemplos.

Cabe dizer ainda que a sustentabilidade afetiva não é algo a ser alcançado e mantido de uma vez por todas. Ela evoca, ao contrário, uma experimentação viva dos encontros e, em especial, uma sensibilidade àquilo que eles produzem no corpo e que, como já dito, pode ganhar a forma de aumento ou de diminuição da potência. Distantes de quaisquer garantias, as variações afetivas são marcadas, em alguma medida, pelo acaso e pela presentificação. Diante deles, não há possibilidade de previsão ou de controle. Deleuze (2009, p. 170) enfatiza que a afecção “realiza minha potência tão perfeitamente quanto pode, em função das circunstâncias, em função do aqui e agora. Ela realiza minha potência aqui e agora, em função de minha relação com as coisas”, dando movimento à produção de vidas plurais.

Ora, se não podemos contar com garantias de resultados ou formas de controle sobre os encontros, estamos frequentemente correndo o risco de que eles nos decomponham? Em certa medida sim. É precisamente aí que Deleuze (2009, p. 174) mostra o quanto os encontros colocam em curso processos de aprendizagem que nos expõem a tarefa sensível de perceber e “avaliar os signos” produzidos pelos corpos, buscando conhecer, a cada encontro, “quais relações me convêm e quais relações não me convêm”. Em outras palavras, trata-se de aprender quais encontros aumentam e quais diminuem a potência vital, atentando para suas microvariações afetivas. Deleuze (2009, p. 174) deixa claro que nessa trajetória de aprendizagem, é “preciso tentar, é preciso experimentar”, uma vez que nada está estabelecido de antemão. Ora, o que a sustentabilidade afetiva busca destacar, portanto, é precisamente a abertura para percorrer e experimentar a disparidade dos afetos, a pluralidade de seus efeitos e a chance de aprender algo com eles a cada encontro.

Como tendemos a nos posicionar diante desse processo de aprendizagem marcado por riscos? Em alguma medida, colocando-nos em uma posição defensiva, como bem assinalou Lasch (1981, p. 54), ao caracterizar o que denominou de “mínimo eu”: um indivíduo que, temendo os riscos dos encontros, recolhe-se na vida privada, supostamente protetora, mantendo com o outro apenas relações superficiais de sobrevivência e instrumentalização. O chamado Comitê Invisível (2016, p. 26) alertou de maneira contundente acerca dos riscos dessa defesa ao dizer que nessa esteira do individualismo produzimos “almas em farrapos, um reflexo de nossa ausência de mundo, de nossa impotência íntima para habitá-lo”. O risco maior seria, então, deixar instalar uma miséria afetiva que tornaria a existência coletiva insustentável. Mas seria essa

a nossa única alternativa? Estaríamos condenados ao isolamento e empobrecimento afetivo em nome da defesa psíquica do mínimo eu? Sustentamos neste estudo que não, tendo em vista a insistência vital da variação dos afetos.

Exemplo dessa variação social e afetiva pode ser constatado no cotidiano das cidades que foi amplamente transformado pela instauração da pandemia, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no ano de 2020. Desde então, as diferentes áreas de conhecimento voltaram-se para mitigar seus efeitos que ganharam dimensões trágicas, em especial devido ao grande número de óbitos e contaminados (Birman, 2021). Assim, isso se configurou como um grave problema planetário com ampla propagação no espaço urbano. Vidas, relações, rotinas e conexões precisaram ser reorganizadas a fim de que as medidas de biossegurança pudessem ser instaladas com vistas a evitar maiores danos. Com isso, o distanciamento e o isolamento social, o uso de medidas sanitárias como álcool em gel, a higienização frequente das mãos e uso máscaras, assim como a restrição dos deslocamentos, passaram a fazer parte do cotidiano planetário (Latour, 2020).

Em termos afetivos e relacionais, as mudanças na organização social e urbana, anteriormente vigente, culminaram em desafios difíceis que ainda demandarão tempo e abertura afetiva para serem conhecidos, sustentados e elaborados. De acordo como Birman (2021), essas mudanças trouxeram consigo os traumas próprios de uma experiência radical de ruptura diante da qual não houve possibilidade de preparos mínimos. Em suas palavras, trata-se de um “acontecimento decisivo” (Birman, 2021, p. 66-67) que “não se restringe ao simples registro de um fato”, mas implica a “inflexão das coordenadas e das linhas de forças constitutivas do espaço social, de forma a transformar o mundo de ponta-cabeça”.

Nesse campo relacional que já era mutante e adveio ainda mais incerto no contexto pandêmico (Birman, 2021; Latour, 2020), coexistem forças díspares que percorrem um amplo leque afetivo que vai desde as práticas marcadas pelas defesas psíquicas de isolamento e de negacionismo, até a abertura para experimentação dos encontros e seus riscos. Este último é atravessado, conforme dito por Deleuze (2009, 2017), tanto pelo aumento quanto pela diminuição da potência de afetar e ser afetado. Um aspecto relacional que se destacou no cenário pandêmico foi que os cuidados de biossegurança prezaram pelo isolamento e distanciamento sociais, os quais culminaram em maior convivência no espaço doméstico. No entanto, não era apenas a segurança que estava em jogo nesse momento. Coccia (2020, p. 12) chama a atenção para a demanda por “pensar na casa não mais como um espaço da propriedade e da administração econômica, mas como lugar onde as coisas ganham vida e tornam a vida possível para nós”.

Seja nas residências ou nos espaços públicos, compostos pela natureza e pelas relações sociais, estamos distantes de um acontecimento histórico que se configura como experiência meramente individual, mas sim diante de algo maior que diz respeito aos destinos da vida planetária. Abre-se, então, a possibilidade de que a sustentabilidade afetiva possa ser considerada, experimentada e praticada nas relações cotidianas cidadinas conectando pessoas, natureza, produções culturais, tecnologia e tudo aquilo que possibilita tornar a vida mais vigorosa.

Percurso Metodológico

A existência relacional compartilhada nos centros urbanos demanda uma análise sobre suas dimensões políticas, afetivas e sociais. Estudos dedicados à organização das cidades (Harvey, 2013; Rolnik, 2015; Santos, 2017) mostram que ela se configura como um universo rico de movimentos díspares e plurais que requer constantemente novos olhares sobre sua organização e seus efeitos micropolíticos. Para acessar essa experiência, recorreremos à metodologia qualitativa, por meio da qual se buscou compreender como experiências concretas de relações afetivas sustentáveis e insustentáveis compõem o cotidiano urbano. Assim, adotamos a perspectiva qualitativa para acessar a experiência de sujeitos abertos para expor suas histórias de vida e demonstrar, pelo relato de experiências, como um dado fenômeno social ganha concretude e relevância coletivas.

Como estratégia de investigação, elegemos a cartografia de experiências múltiplas descritas por pessoas advindas de diferentes contextos sociais (Passos et al., 2010) e que ofereceram pistas para a compreensão da existência afetiva urbana pela perspectiva de quem a experimenta no cotidiano. A pesquisa contou com 15 participantes, sendo 4 homens e 11 mulheres, com idade variando entre 19 e 45 anos, compostos por estudantes de graduação ou pós-graduação, egressos e profissionais liberais, sendo este o critério utilizado para seleção: possuir alguma vinculação com a universidade pública localizada no interior do estado do Paraná que sediou a pesquisa. Todos pertenciam à classe socioeconômica média e eram moradores de cidades de médio porte. Eles foram convidados a expressar livremente as ações empreendidas em seu cotidiano afetivo e relacional diante de situações que emergiam no dia a dia da vida urbana que já estava marcada pela pandemia em curso. Os nomes utilizados na apresentação dos resultados foram alterados para não identificar os participantes.

A parte dos dados coletados que aqui será apresentada foi analisada com a noção de afeto (Deleuze, 2009; Espinosa, 2017) e sua conexão com a sustentabilidade (Mansano, 2016), expostos na primeira parte deste estudo, bem como pelos conceitos advindos da própria abordagem cartográfica (Passos et al., 2010). Isso permitiu uma aproximação dialógica diversificada entre a perspectiva dos participantes e o campo conceitual da psicologia social (Carvalho, 2018; Mansano & Nalli, 2017) e da filosofia da diferença (Deleuze, 1992; 2009), dando ênfase ao conceito de sustentabilidade afetiva.

Resultados e Discussão

As relações sociais experimentadas no espaço urbano são amplamente marcadas por uma diversidade afetiva que expõe o contingente populacional a uma série de afetos que culminam na expansão (alegria) ou na restrição (tristeza) dos encontros (Deleuze, 2009, 2017). A organização socioeconômica capitalista, desde longa data, já interferia na experimentação dessa diversidade afetiva, uma vez que participava da organização espacial, relacional e temporal da vida urbana (Rolnik, 2015). Apesar da presença recorrente da esfera econômica, as iniciativas microssociais de contato com o espaço urbano são praticadas no dia a dia de modos plurais, deixando entrever como os afetos conectam ou separam humanos e não humanos em sistemas de valor de outra ordem que não a monetária.

Antes da pandemia, o cenário de aceleração capitalista já estava se configurando como algo insustentável para uma parte significativa da população (Rolnik, 2015), sendo também mencionado pelos participantes desta pesquisa. É o que encontramos na descrição de Lauro, que pressente a dinâmica produtivista naturalizada em práticas rotineiras:

Me parece, paradoxalmente, que antes da pandemia havia uma certeza, uma segurança, talvez injustificadas, em nossa permanência no mundo, que curiosamente nos permitia viver como se o amanhã não existisse, e como se pudéssemos nos utilizar do planeta a nosso bel-prazer, independentes como nos acreditávamos ser. No entanto, atravessamos hoje a particularidade de um momento que nos pede uma pausa, um retraimento, e transformar este momento num motor de mudanças sem, contudo, cair nas armadilhas que nos prendem a modos de vida já estabelecidos, continua sendo pra mim o maior desafio. (Lauro, participante).

Seu depoimento entra em ressonância com a emergência do acontecimento pandêmico (Birman, 2021) que transformou de modo radical as relações cidadinas (Latour, 2020). Estar sensível a seus efeitos para sentir e sustentar suas mudanças abruptas, acolhendo um cotidiano que passou a ser marcado por cuidados sanitários, distanciamento social e limitações nos deslocamentos foi um desafio assumido em escala planetária. Assim, falar de uma sustentabilidade afetiva, no cenário urbano de 2020, necessariamente remete a essa experiência que repercutiu na vida cotidiana de todos e que trouxe a possibilidade, para alguns, de experimentar uma “pausa” (Lauro, participante) para, quem sabe, ensaiar mudanças que se configuram como “o maior desafio” (Lauro, participante).

Nessa direção, as ações realizadas para enfrentar a adversidade pandêmica abriram-se em um leque diversificado de linhas, como deixa entrever Fernanda (participante): “Tenho dançado muito e feito atividades de yoga para manter meu corpo ativo e ocupado (...). A música tem sido uma boa aliada para me acolher de todos esses sentimentos. Quebra-cabeças também me fazem focar em algo completamente diferente”. A existência, que nesse caso ficou restrita ao espaço da casa, exigiu uma mudança de perspectiva que acionara outras maneiras de se relacionar com o tempo, o espaço e o corpo. Também Carla (participante) experimenta outras conexões quando conta: “plantei orgânicos na jardineira de minha janela. Estou esperando ansiosamente para que renda frutos”. Nota-se, então, que a casa foi investida de outras sensibilidades, como descreve Marta:

Ver o beija-flor que vem chupar o néctar dos hibiscos fechados que ficam bem na frente da minha janela onde está o computador, todas as tardes. Ver as estrelas ou a lua, andar no mato atrás de casa: descobri uma árvore muito boa de subir esses dias, uma linda mangueira, me senti deslumbrada por estar conhecendo-a agora. (Marta, participante)

Latour (2020) esclarece que as transformações urbanas precipitadas pela pandemia foram radicais: “O estado da sociedade depende a cada momento das associações entre muitos atores, a maioria dos quais não possuem forma humana. Isso vale para os micróbios (...), mas também para a internet, a lei, a organização de hospitais, a logística do estado e o clima” (p. 3). Marta (participante) evidencia essa diversidade de atores parando para observar o que antes sequer era percebido e mostrando seu deslumbramento pela beleza e pela descoberta de detalhes vivos que a cercam.

Cabe dizer que a estrutura socioeconômica da maioria dos participantes permitiu esse contato pausado, uma vez que foi possível recorrer ao trabalho remoto ou à sua interrupção (ao menos momentaneamente) no início da pandemia. Essa situação, entretanto, configurou-se como uma exceção, tendo em vista o contingente populacional brasileiro e planetário que precisou manter-se conectado às rotinas laborais presenciais, a fim de garantir a própria subsistência e a sobrevivência da vida coletiva. Birman (2021, p. 96) assinala que a possibilidade de retraimento no espaço doméstico não se configurou para “os mais pobres, que, como trabalhadores informais e desempregados” foram “muitas vezes obrigados a irem às ruas, com serviços desclassificados econômica e socialmente, para de alguma forma levar comida para o lar”. Ele esclarece que “tais indivíduos ficam expostos às contaminações iminentes, em especial nos meios coletivos de transporte, que além de estarem sempre superlotados frequentemente não dispõem de um sistema de arejamento adequado” (Birman, 2021, p. 96). A preocupação com a própria subsistência foi marcada na descrição de Paula que teve de recorrer a habilidades de venda para garantir sua renda mensal. Ela diz: “Estou fazendo pão, lingerie, além de, em breve, anunciar que farei bolos, geleias e coalhada seca, no Instagram e Facebook” (Paula, participante). O foco em uma economia que, segundo os agentes financeiros, não pode parar, disseminou o desemprego e colocou parte da população na situação crítica de desemprego ou de atividade informal.

Para aqueles que não eram marcados por essa limitação socioeconômica, linhas de experimentação se abriram e o contato com a natureza ganhou relevância, como relata José (participante): “Olhar o céu tem se tornado um hábito cada vez mais frequente... Tenho aproveitado essa beleza, natural do exterior das grandes cidades. Tenho olhado muito mais as plantas, brincado com uns doguinhos e gatinhos que cruzam meu caminho”. Nota-se aqui outra relação com o tempo, majoritariamente marcada pela aceleração urbana e que, agora, em uma espécie de desaceleração, possibilitou acessar situações que outrora, na correria da produção, não tinham relevância ou espaço. Diz Sabrina (participante): “Essa semana eu bebi vendo o pôr do sol. As cores do céu estão espetaculares”. Apesar da forte tendência antropocêntrica que faz uma cisão entre o humano e a natureza, considerando-os como partes independentes da vida planetária, é possível e necessário resgatar o olhar de Espinosa (2017) para quem o humano comparece como mais um modo expresso no meio natural. Krenak (2020) também contribui para analisar criticamente essa visão que aparta humano e natureza, quando diz:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa, nós outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. (Krenak, 2020, p. 8)

Da cisão antropocêntrica entre humano e natureza emerge a dificuldade de conexão com a potencialização da vida em seu sentido mais amplo assinalado anteriormente por Krenak (2020). A existência no espaço urbano, em larga medida, desconectou-se da natureza, restringido seu contato, uma vez que ele não necessariamente é gerador de lucro. Em alguma medida, a expansão tecnológica e os dispositivos comunicacionais, disseminados por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) redefiniram a ordem e temporalidade dos encontros, marcando uma distância continuada dos encontros presenciais (Carvalho, 2018). A velocidade comunicacional já está tão arraigada no cotidiano urbano que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados pelo Ministério das Comunicações (2021), nos domicílios urbanos, a utilização da internet subiu de 83,8%, em 2018, para 86,7%, em 2019. A adesão maciça a esse dispositivo de comunicação e seu modelo relacional remoto provocou uma distância em relação ao contato presencial que, em algumas situações, culminou em uma espécie de exaustão digital e decadência da habilidade relacional (Carvalho, 2018). Julia fala de seu esforço para sair dessa dinâmica naturalizada que conecta o sujeito às informações em tempo integral: “Estou tentando me afastar das redes sociais, fazer atividades prazerosas, me permitir experimentar” (Julia, participante).

Vemos, assim, um passo nada confortável diante de um cotidiano marcado pela naturalização do uso das TICs. Cabe dizer que estas, por si só, não degradam as relações, podendo inclusive intensificá-las e expandi-las. A questão aqui levantada refere-se a seu uso exclusivo em detrimento do contato com outras dimensões como a presença viva do outro, o funcionamento do próprio corpo e o contato direto dos demais seres vivos. Essa diversidade de atores (Latour, 2020), em alguma medida, foi acessada no confinamento que abriu espaço para o contato com outras linhas de sensibilidades e maneiras de viver os encontros. Patrícia conta:

Com relação ao meu filho, de apenas três anos, durante a semana pensei em formas de agradá-lo, pensei em brincadeiras novas, e ao encontrá-lo resolvi surpreendê-lo, então no fim de semana ao trazê-lo para casa havia uma cabana instalada em nossa sala, onde eu, fazendo ainda uso de máscara para protegê-lo, providenciei um piquenique, contamos história e brincamos trazendo-o para um espaço seguro que nos acolhe. (Patrícia, participante)

Patrícia deixa entrever outra relação com o espaço doméstico e suas afetações. Nessa mesma direção, Coccia (2020, p. 4) afirma: “Em um mundo onde a política é objeto de proibição e realidade impossível, o que resta são nossos lares: não importa se são realmente apartamentos ou casas de verdade, não importa se são pequenos apartamentos ou grandes propriedades. Tudo se tornou lar”.

A linha que envolve a expansão e o uso contínuo das TICs em cenário urbano pandêmico levou à exaustão e exigiu ações efetivas em seu combate e fuga. Sobre essa aceleração, Han (2017, p. 70-71) resgata os efeitos nocivos do cansaço gerado pela alta exigência produtiva quando diz que isso culmina em um “esgotamento excessivo” que “leva a um infarto da alma”. É o que comenta Júlia (participante): “lembro que ao longo dos anos ouvia as pessoas falando ‘queria sumir por um momento’, acho que sinto isso quando leio, quando participo do grupo, sumir de alguma forma, por alguns instantes, o corpo agradece”. É como se as palavras de Deleuze (1992, p. 217) encontrassem ressonância nesses momentos de ruptura mencionados por Júlia, capazes de criar e acessar “vacúolos de não comunicação, interruptores, para escapar ao controle”. Nessa mesma direção, Maria (participante) apresenta suas ações presentificadas de “mexer na terra, limpar, plantar”, outrora distantes de seu cotidiano.

Linhas de afetos tristes, conforme assinalado por Deleuze (2009, 2017) na companhia de Espinosa (2017), diminuem a potência de ação sendo amplamente disseminadas pelo cotidiano urbano em forma de medo e insegurança diante do diferente, inesperado e incontrolável. Os ensaios para enfrentá-los e elaborá-los são diversos e podem ser percebidos com Cecília (participante): “Compartilho minhas angústias com diversos amigos e, mesmo que todos não estão bem, é bom saber que estamos juntos nessa. Nosso papo resultou em grandes reflexões sobre como o mundo mudou e como hábitos

também mudaram. É muito doido isso”. Estar com o outro, ainda que por intermédio das telas, foi algo que manteve uma possibilidade de laço e de compartilhamento da experiência, os quais se mostraram vitais.

Como lidar, então, com um cotidiano marcado por linhas duras de restrições prescritivas e pela necessidade sanitária de romper com as práticas cotidianas de contato com a cidade até então fluidas? Construir novas rotinas foi uma iniciativa bastante mencionada pelos participantes da pesquisa. Nessa direção, Fernanda (participante) relata: “Tenho seguido na mesma rotina para não enlouquecer, estudando, escrevendo, me exercitando em casa, com saudades de uma cerveja com os amigos. José diz: Tenho tentado cuidar de mim com coisas simples, fazendo a barba, esfoliando o rosto, hidratando o meu cabelo”. Nessa linha do cuidado, Joana (participante) acrescenta: “Fazer um chá para tratar do meu resfriado me fez sentir que ainda posso me cuidar de alguma forma. Nem tudo o que pode abaixar minha potência é necessariamente mortífero”. A atenção aos cuidados do próprio corpo, às práticas ordinárias de organização geral e dos afazeres domésticos são ações simples que sustentam esse cotidiano reorganizado.

Lidar com aspectos da existência que simplesmente não tinham espaço na vida mediante a correria instaurada no espaço urbano também ganhou relevo, conforme relata Rogério, que teve a ideia de:

Juntar os tijolos de alvenaria e vigas de madeira do telhado que sobraram da obra para fazer um banco. Queria achar uma finalidade pra esses materiais que sobraram, reaproveitar. Lixando as vigas lembrei que estavam no telhado de casa há 20 anos, que serviram de lar pra gente, de lar pros pardais que viviam no forro de casa. Resignificar esses materiais em um banco fizeram todo sentido pra mim. (Rogério, participante)

Rogério (participante) segue em suas experimentações descrevendo: “Ao invés de comprar algumas coisas optei por fazer, principalmente as que envolviam madeira e acabamentos. Alguns amigos que têm mais experiência toparam me ajudar. Ao mesmo tempo incentivamos (eu e a minha mãe) a fazer os doces que tanto gosta pra vender”. Ainda, referindo-se à relação com o espaço da casa, Coccia (2020, p. 7-8) assinala:

Ninguém pode mais sair. Ninguém pode escapar: trancados em casa, é de casa e principalmente em casa que temos de reconstruir a sociedade (...). Será necessário desenterrar desse espaço uma série de corredores invisíveis que nos permitam transformar o espaço doméstico em um novo espaço político.

Revisitar e resignificar os afetos do núcleo familiar ganhou a sentido para José (participante) que descreve suas linhas de experimentação:

Uma das coisas que definitivamente decidi fazer é aproveitar esse tempo de proximidade para mostrar coisas para minha família que antes não tive oportunidade/coragem/consciência/jeito para mostrar. Tenho tentado saber mais deles e fazer com que eles saibam mais de mim, o que já passei, o que penso, o que sinto. Isso tem sido uma fonte de respiro pra mim. (José, participante)

Tecer novos laços com familiares também foi uma estratégia adotada à medida que se tornou imperativo conviver no mesmo espaço da casa por mais tempo e com maior proximidade. É o que relata Lauro (participante):

Nos propusemos – eu e a família – a resgatar um pouco de nosso passado através de antigos álbuns de fotografias, algumas já tingidas de amarelo pelo tempo, o que as dava um ar de sabedoria (...). Me vi de novo menino, a correr atrás de uma bola, a lambuzar-me de chocolate, a balançar compenetrado no balanço com o único objetivo de tocar o céu. (Lauro, participante)

Ainda se referindo à aproximação familiar como linha de convivência, Julia (participante) relata:

Uma das pessoas que mais tenho conversado é meu irmão de nove anos de idade e ele acompanha e vivencia no próprio corpo todos esse caos. Ele mesmo propõe reflexões que eu não esperaria de uma criança. Essa semana ele me perguntou por que estão queimando as árvores da Amazônia se nós precisamos delas para sobreviver e o que aconteceu com os índios que moram por lá. (Julia, participante)

Surpreender-se com quem se coabita em função da proximidade trazida por essa nova realidade socioafetiva abriu para aproximações outrora inimagináveis. Mesmo em distância geográfica, a proximidade familiar pode ser vivida em modo remoto por Antonio (participante) que relata sua opção por: “Cantar mais pro meu pai, por videoconferência, que é o que eu podia, já que ele sempre gostou do samba”. Ver e ser visto, escutar e ser escutado parecem ações simples e acessíveis, mas que se perdiam no emaranhado das linhas cristalizadas pelas agendas e pelo ritmo de produção estendido em 24 horas por dia, 7 dias por semana, como assinalado por Crary (2016). O regime 24/7 “mina paulatinamente as distinções entre dia e noite, claro e escuro, ação e repouso. É uma zona de insensibilidade, de amnésia, de tudo que impede a possibilidade de experiência” (Crary, 2016, p. 26).

Também Cecília (participante) recorre à descrição de práticas outrora abandonadas ou desconsideradas, mas que, agora, lhe surpreendem e agradam:

Voltei a rezar todo dia. Parece meio besta para quem se considera agnóstica, mas eu não rezo para um “deus” em específico. É só um breve momento que faço quando acordo e quando vou dormir para agradecer aos privilégios que eu tenho (...). É uma maneira para acalmar meu coração. (Cecília, participante)

Os afetos acionados em um corpo mais sensível ao acontecimento emergente (Deleuze, 2009) e sintonizado com as linhas de variação de potência (Deleuze, 2017) abrem espaço para iniciar um trabalho psíquico de elaboração da experiência e da vida construída até então. É o que descreve Sabrina (participante), quando diz: “Reconheci que não estou bem e comecei a buscar terapia”. Também Marta (participante) segue na direção da terapia e relata: “A sorte é que na terapia esta semana fizemos um trabalho corporal em que finalmente eu consegui chorar”. Mais do que em tempos de calma, a clínica aqui evocada demanda uma aliança com a crítica do vivido, estendendo a análise de si para as relações políticas e sociais instaladas. Afinal, não se sai de uma pandemia por ações meramente individuais (Birman, 2021; Latour, 2020).

A emergência de sensações ainda sem palavras que demandam elaboração clínica aparece também na fala de Fernanda (participante): “Chorei muito essa semana e isso de fato ajudou a aliviar certa dor no peito. Não sei muito bem de onde vem e como se instala, mas ela tem sido muito frequente e o estado de inércia não me possibilita procurar novos recursos”. Ao entrar em contato com um vivido que ainda não admite representação em palavras a serem compartilhadas, Rogério comenta:

Peguei a bicicleta e saí. Pedalei para longe de tudo em minha companhia. Desse modo, respirei com mais calma, enxerguei com mais clareza, permiti-me perder e deixar tudo escapar. Não posso abraçar o mundo. Viver, para mim, é o exercício diário do amor, para o qual sou o meu único obstáculo. Pensava nisso tudo enquanto sentia o vento acariciar a minha face, e fui presenteado com um lindo pôr do sol. Senti a noite cair, iluminado, me sentindo vivo e um pouco mais leve. Sim, “a vida pode ser triste, mas é sempre bela”; e mesmo o absurdo, inclusive, tem lá os seus momentos de beleza. Às vezes me faltam olhos para ver e ouvidos para ouvir. (Rogério, participante)

Adiante, Rogério acrescenta: “Nunca caminhei tanto... Não sei para onde me levam meus pés, mas confio neles de olhos fechados. Tenho gostado da minha companhia. Dou risada comigo diante de mim. Noutras vezes choro, me extrapolo, mas me recomponho. Com ou sem forças eu sigo caminhando”. Nessa mesma direção do que ainda não encontra palavras para ser expresso, Renata (participante) descreve: “Medito e orei bastante, mas acho que chorar também é uma ação muito efetiva para externar as coisas que guardamos e às vezes nem sabemos que estão lá”.

Chama à atenção a proliferação pluralizada de linhas e verbos que foram colocados em prática nos espaços doméstico e urbano, mas que não se restringiam aos tradicionais segmentos do trabalhar, produzir e cumprir metas. As linhas de ação descritas pelos participantes deixam entrever práticas ao mesmo tempo simples e presentificadas que questionam o vivido rotineiro diante das adversidades cotidianas emergentes na cidade. Trata-se de “entrever um mundo povoado não de coisas, mas de forças, não de sujeitos, mas de potências, não de corpos, mas de ligações” (Comitê Invisível, 2016, p. 63). Os relatos aqui expostos, entretanto, abrem para novas questões: Por que nos distanciamos tanto de uma vida afetiva multifacetada? Precisamos de uma tragédia planetária para acionar outras linhas de conexão com a existência? Como se consolidou a dificuldade para sustentar a vida em sua dimensão plural, fato que, em larga medida, tornou o espaço urbano afetivamente insustentável?

Considerações Finais

Tendo como objetivo analisar experiências de sustentabilidade afetiva que se fazem presentes no cotidiano das cidades, os participantes da pesquisa cooperaram na compreensão de como é possível delinear uma existência que abarque a variação dos afetos. A complexidade e pluralidade atualizadas no espaço urbano acabam sendo minimizadas pela organização socioeconômica capitalista que o reduz às atividades de produção nas quais edificam seus pilares. Romper com essa ordem predefinida de modo cristalizado coloca em cena práticas que podem ter contornos de resistência, uma vez que deixam entrever outras possibilidades de compor a vida, tomando em conta a diversidade dos encontros e as variações de potência para afetar e ser afetado pelo outro. Nessa direção, as possibilidades de contato se multiplicam em matizes afetivas distintas.

Ações simples como observar de modo descontraído o que se passa no entorno ou desfrutar dos fluxos da natureza tornaram-se raras e não encontram mais tanto espaço para serem concretizadas. Os participantes desta pesquisa colocaram em relevo algumas delas, evidenciando que o espaço urbano também pode ser palco para expansão de uma vitalidade que não precisa culminar em um resultado mensurável, controlável e financeiro, mas pode colocar em cena a experimentação dos afetos e dos encontros fortuitos.

A distância antropocêntrica, que historicamente construímos em relação à natureza e aos não humanos, evidencia a precariedade dos encontros com aquilo e aqueles que nos cercam. Deixar-se afetar pelo outro e ser capaz de afetá-lo são práticas acionadas a todo o momento, mas que, em função de uma vida agendada, cronometrada e voltada para o cumprimento de metas, não permitem acessá-los em suas nuances de sabores, cores, sons, temporalidades e texturas díspares.

Ao final desta trajetória de estudo, chegamos a uma constatação ao mesmo tempo simples e difícil; é simples, tendo em vista que desenhar uma vida cotidiana nas cidades que seja sensível aos encontros traz em si a chance de experimentar nuances que estão ao alcance das mãos, mas são ainda desconhecidas, distanciadas ou ignoradas; é difícil, pois uma experimentação de tipo sensível requer uma atitude de luta para enfrentar o romper com a temporalidade acelerada da organização capitalista, permitindo-se a demora em saborear os encontros e suas intensidades. A circulação de componentes subjetivos como o individualismo e a competitividade devasta a existência em suas dimensões sociais, afetivas e ambientais. Isso tende a tornar o espaço urbano cada vez mais insustentável para os encontros.

Talvez a pandemia sirva para começar a reverter esse quadro, visto que uma catástrofe pode ser pedagógica (Stengers, 2015). No entanto, jamais por si só, uma vez que seus efeitos mortíferos se sobressaem e marcarão de modo traumático este século (Birman, 2021). Somente ações micropolíticas concretas, valendo-se de uma aliança efetiva com a vida, têm possibilidade de trazer alguma reversão. Pensar nessa direção ainda é um limite com o qual as Ciências Humanas terão de se enfrentar, uma vez que ele coloca em cena a necessidade de novas investigações sobre as transformações afetivas precipitadas na pandemia e suas possibilidades de elaboração. Indissociável desses estudos, caberá também à coletividade acionar a potência de ação para colocar em curso uma sustentabilidade afetiva, tomando as rédeas da existência e da história tanto micropolítica quanto planetária.

Referências

- Agamben, G. (2017). *O uso dos corpos*. Boitempo.
- Beck, U. (2010). *Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade*. Editora 34.
- Birman, J. (2021). *O trauma na pandemia do Coronavírus: Suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Civilização Brasileira.
- Coccia, E. (2020). *Revertendo o novo monasticismo global*. Edições N-1.
- Carvalho, P. R. (2018). Transformações institucionais contemporâneas: Uma análise sobre as relações não presenciais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 20(3), 216-227. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v20n3p228-239>
- Comitê de Oxford para Alívio da Fome [OXFAM Brasil]. (2018, 23 de janeiro). Super-ricos estão ficando com quase toda riqueza, às custas de bilhões de pessoas. *OXFAM Brasil*. <https://www.oxfam.org.br/noticias/super-ricos-estao-ficando-com-quase-toda-riqueza-as-custas-de-bilhoes-de-pessoas>
- Comitê Invisível. (2016). *Aos nossos amigos: Crise e insurreição*. Edições N-1. (Grupo anônimo de pensadores e ativistas sediados na França)
- Crary, J. (2016). *24/07: Capitalismo tardio e os fins do sono*. Ubu Editora.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Editora 34.
- Deleuze, G. (2009). *Curso sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. EDUECE.
- Deleuze, G. (2017). *Espinosa e o problema da expressão*. Editora 34.
- Espinosa, B. (2017). *Ética*. Autêntica.
- Krenak, A. (2020). *O amanhã não está à venda*. Companhia das Letras.
- Lasch, C. (1981). *O mínimo eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. Editora Brasiliense.
- Latour, B. (2020). *Isto é um ensaio geral?* Edições N-1.
- Han, B. C. (2017). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Harvey, D. (2013). *Os limites do capital*. Boitempo.

- Mansano, S. R. V. (2016). Espaço urbano, natureza e relações sociais: Por uma sustentabilidade afetiva. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 18(1), 49-59. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872016000100004
- Mansano, S. R. V., & Nalli, M. (2017). Sustentabilidade e biopolítica: Um problema para a contemporaneidade. *Psicologia & Sociedade*, 29, 1-8. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29156315>
- Ministério da Comunicação. (2021, 14 de abril). Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet. *IBGE*. <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2010). *Pistas do método da cartografia*. Editora Sulinas.
- Rolnik, R. (2015). *Guerra dos lugares: A colonização da terra e da moradia na era das finanças*. Boitempo.
- Santos, M. (2017). *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. Editora Record.
- Sassen, S. (2016). *Expulsões: Brutalidade e complexidade na economia global*. Paz e Terra.
- Stengers, I. (2015). *No tempo das catástrofes: Resistir à barbárie que se aproxima*. Cosac Naify.
- Žižek, S. (2017). *Acontecimento: Uma viagem filosófica através de um conceito*. Zahar.

Como Citar:

Mansano, S. R.V. (2024). Sustentabilidade afetiva no cotidiano das cidades: Cartografando experiências. *Revista Subjetividades*, 24(2), e13980. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i2.e13980>

Endereço para correspondência

Sonia Regina Vargas Mansano
E-mail: mansano@uel.br



Recebido: 22/08/2022
Revisado: 09/08/2023
Aceito: 11/09/2023
Publicado: 16/06/2024